

62.

A MESA MÁGICA, O ASNO DE OURO E O PORRETE ENSACADO

Era uma vez um alfaiate que tinha três filhos e uma só cabra. A cabra, porém, fornecia leite para todos eles, e era preciso, portanto, que ela se alimentasse bem e fosse levada diariamente para pastar. Os três filhos se encarregavam disso, sucessivamente.

Certo dia, o mais velho levou-a ao cemitério da igreja onde crescia um capim excelente, e deixou-a comer à vontade. Quando anoiteceu, era hora de voltar para casa. Ele, então, perguntou:

— Estás satisfeita, cabra?

E a cabra respondeu:

Comi bastante, demais até.

Já estou farta. Mé, mé, mé, mé.

— Então vamos embora — disse o moço.

E, puxando a cabra por uma corda, levou-a para o estábulo, onde a deixou presa com toda a segurança.

— A cabra comeu bem, como precisa? — perguntou o alfaiate ao filho.

— Ela comeu até se fartar. Não aguenta mais nem uma folha — ele respondeu.

O pai, porém, não se deu por satisfeito. Foi ao estábulo e, depois de passar a mão de leve nas costas da cabra, perguntou-lhe:

— Está satisfeita, cabra?

E ela respondeu:

Eu satisfeita podia estar

Se só nas pedras tive de andar?

Eu satisfeita? Tem graça, até!

Estou faminta! Mé, mé, mé, mé!

— O que estou ouvindo? — exclamou o alfaiate, indignado.

Voltou para casa e gritou para o filho:

— Mentiroso! Disseste que a cabra tinha comido bastante e deixou-a faminta!

Enfurecido, tirou o metro que estava pendurado na parede e expulsou o jovem com pancadas nas costas.

No dia seguinte, foi a vez do segundo filho, que levou a cabra para um lugar perto do muro do quintal, onde crescia um excelente capim com o qual a cabra se fartou. Ao anoitecer, o moço perguntou à cabra se estava satisfeita. E ela respondeu:

Comi bastante, demais até.

Já estou farta. Mé, mé, mé, mé.

— Então, vamos para casa — disse o jovem.

E lá chegando, levou a cabra para o estábulo, onde fechou-a, com toda a segurança.

— A cabra comeu bem, como precisa comer? — perguntou-lhe o pai.

— Comeu tanto, que não aguenta mais nada — informou o filho.

O alfaiate, porém, não se fiou na informação e foi ao estábulo perguntar à cabra se ficara satisfeita. E veio a resposta:

Eu satisfeita podia estar

Se só nas pedras tive de andar?

Eu satisfeita? Tem graça, até!

Estou faminta! Mé, mé, mé, mé!

— Cambada de mentirosos! — gritou o alfaiate. — Cada qual pior do que o outro! Não me obedecem, não cumprem o dever!

E, entrando em casa deu tantas e tão duras pancadas no segundo filho, que ele fugiu do lar paterno.

No terceiro dia tudo se repetiu com o terceiro filho, que levava a cabra a pastar em um belo capinzal que ficava à beira da floresta, e onde o animal comera até não aguentar mais abrir a boca. Desconfiado, por causa do que acontecera das outras vezes, o alfaiate foi outra vez perguntar à cabra e obteve a mesma resposta, que desta vez o enfureceu ainda mais. E a surra

que aplicou no caçula fez o jovem fugir de casa ainda mais depressa que os irmãos.

O alfaiate ficou, assim, sozinho com a cabra. E, na manhã seguinte foi ele mesmo levá-la para pastar, com todo o cuidado, com carinho mesmo. E à noitinha perguntou:

— Estás satisfeita, cabra?

E veio a resposta:

Comi bastante, demais até.

Já estou farta. Mé, mé, mé, mé.

O alfaiate levou, então, o animal para o estábulo. E já ia saindo quando teve idéia de perguntar:

— Desta vez, afinal, tudo foi bem, não é mesmo, cabrinha? Não estás satisfeita?

E a resposta, para surpresa dele, foi a habitual:

Eu satisfeita podia estar

Se só nas pedras tive de andar?

Eu satisfeita? Tem graça, até!

Estou faminta! Mé, mé, mé, mé!

Dessa vez, naturalmente, a raiva do alfaiate, em vez de se voltar contra os filhos, voltou-se contra a cabra. Percebeu que castigara os filhos injustamente, e ficou cheio de remorso e cheio de raiva.

— Espera aí, bicho ingrato, sem-vergonha! — gritou. — Vais levar uma surra que te ensinará a nunca mais te meteres a besta com alfaiates honestos!

E, achando que uma surra com metro era pouco para ela, foi buscar o chicote usado para os burros de carroça e fez a pobre cabra dar pulos de muitos metros de altura e fugir mais depressa do que os filhos do alfaiate haviam fugido.

Cheio de arrependimento, o velho sentia muita saudade dos filhos, mas ninguém sabia para onde eles haviam ido. O mais velho tornara-se aprendiz de um marceneiro e se esforçava tão industriosa e infatigavelmente, que, quando terminou o aprendizado, o mestre o presenteou com uma mesinha que não era particularmente bonita e, além disso, feita de madeira comum, mas que tinha uma extraordinária propriedade: se alguém a pusesse de pé e dissesse: “Mesinha, serve-nos”, ela imediatamente era coberta por uma



toalha muito limpa, sobre a qual havia um prato e talheres, assim como comida farta e apetitosa e um bom copo de vinho, para alegrar o coração.

O jovem marceneiro pensou: “Com isto, terás o que precisas para o resto da vida”. E saiu viajando, descuidado e feliz pelo mundo, sem jamais se preocupar em saber se a comida de uma estalagem era boa ou má, ou se iria encontrar isso ou aquilo. Quando lhe convinha sequer entrar em hospedaria, punha a mesa em pé diante de si e ordenava: “Serve-me”, e logo aparecia tudo que ele queria que aparecesse.

Depois de ter viajado muito, o moço acabou resolvendo voltar para a casa do pai, cuja raiva já devia ter passado e naturalmente teria prazer em recebê-lo com sua mesinha mágica. No caminho, entrou certa noite em uma estalagem que estava repleta de hóspedes, que o acolheram muito bem, convidando-o para sentar-se à mesa com eles e comer em sua companhia, pois, de outro modo, teria muita dificuldade em se alimentar.



— Muito obrigada, mas não vou prejudicar-vos, já que a comida só é suficiente para vós — disse o jovem marceneiro. — Ao contrário, eu é que quero vos oferecer um jantar.

Os outros riram muito, pensando que ele estava brincando. Mas o jovem colocou a mesa no chão e ordenou-lhe:

— Mesinha, serve-nos.

Imediatamente, a mesa se cobriu de iguarias, tão boas que seria de todo impossível serem servidas outras iguais naquele lugar. O cheiro que se espalhava era tão gostoso, que os hóspedes, embora custando a acreditar no que estavam vendo, não hesitaram um segundo, quando o marceneiro os convidou a participarem do banquete. Comeram com tanta voracidade, que a comida

teria desaparecido em um instante, se, milagrosamente, os pratos não fossem se enchendo de novo, à medida que eram esvaziados. E nem é preciso dizer que havia pratos e talheres suficientes para todo o mundo.

Todos se divertiram a valer, até que, quando a noite já ia bem adiantada, foram dormir. O jovem marceneiro, antes de se deitar, encostou a mesa mágica na parede.

O estalajadeiro, porém, é que não tinha sossego, morrendo de inveja do feliz moço, capaz de fazer tais milagres. E teve uma idéia. Em seu quarto de badulaques havia uma velha mesinha muito parecida com a do jovem marceneiro. Quando todos os hóspedes estavam dormindo, ele se dirigiu sorrateiramente ao lugar onde se encontrava a mesa mágica e trocou-a pela mesa velha.

No dia seguinte, quando acordou, o jovem marceneiro pagou a pousada, pegou a mesa que encontrou, pô-la nas costas e partiu, rumo à casa de seu pai, lá chegando ao meio-dia. O pai o recebeu com alegria.

— Que profissão aprendeste, meu filho? — perguntou.

— Aprendi o ofício da marcenaria, meu pai — respondeu o jovem.

— É uma boa profissão — reconheceu o pai. — Mas o que trouxeste contigo produzido durante a aprendizagem?

— A melhor coisa que trouxe, meu pai, foi esta mesinha.

O alfaiate examinou a mesa, desconfiado, depois opinou:

— Não se trata de uma obra-prima. É uma mesa velha e feia.

— Mas é uma mesa que age sozinha — replicou o filho. — Quando a ponho de pé e lhe digo para servir, ela se cobre das iguarias mais deliciosas e de um bom vinho, próprio para alegrar o coração. Se queres ver, meu pai, convida todos os nossos parentes e amigos. Eles vão gostar muito, pois a mesa lhes oferecerá um ótimo jantar.

Quando chegaram os convidados, o jovem marceneiro pôs a mesa de pé e ordenou:

— Serve-nos, mesa!

A mesa, porém, continuou tão vazia como estava, igual a todas as mesas ordinárias, que não compreendem a linguagem humana. O pobre marceneiro quase morreu de vergonha, ao ver que a sua mesa encantada fora furtada. Os parentes e amigos zombaram muito dele e tiveram de voltar para casa de estômago vazio. O pai ficou furioso, vendo o filho ser apanhado como mentiroso. Continuou a costurar, enquanto o filho ia procurar trabalho como marceneiro.

O segundo filho tinha encontrado um moleiro que o aceitou como aprendiz. Passado o período de aprendizagem, disse-lhe o moleiro:

— Como te mostraste sempre diligente, eficiente e honesto, vou te dar um asno de um espécie peculiar, que nunca puxou uma carroça ou carregou um saco.

— O que é que ele faz, então? — perguntou o aprendiz.

— Vomita ouro — respondeu o moleiro. — Se o puseres em cima de uma toalha e disseres: “Briclebrit”, o bom animal vomitará moedas de ouro de uma extremidade à outra da toalha.

— Uma grande coisa! — exclamou o aprendiz, entusiasmado.

Agradeceu muito ao mestre e partiu pelo mundo afora. Quando precisava de dinheiro, era só falar “Briclebrit”, e o burro fazia chover moedas de ouro. O único trabalho era apanhá-las do chão. Em todas as partes aonde ia, hospedava-se nos mais confortáveis e luxuosos hotéis e comia do bom e do melhor.

Depois de ter viajado durante algum tempo, o jovem resolveu voltar à casa paterna, achando que, se lá aparecesse com o asno de ouro, o velho o acolheria muito bem, esquecendo-se da velha discordância.

E na véspera de chegar ao seu destino, pernitoou na mesma estalagem em que fora furtada a mesa mágica de seu irmão mais velho. Quando apeou e ainda segurava a rédea, o estalajadeiro ofereceu-se para levar o animal, mas ele recusou, dizendo:

— Obrigado, mas eu mesmo me encarregarei de levar meu corcel à estrebaria e alojá-lo, pois precisarei saber onde se encontra.

O estalajadeiro ficou um tanto intrigado com aquela atitude do hóspede, e achou que devia ter bem pouco dinheiro quem tomava conta ele próprio de seu burro. Quando, porém, o viajante meteu a mão no bolso e tirou duas moedas de ouro e mandou-o preparar uma refeição especial, ficou evidente que aquele não era o caso. E o estalajadeiro tratou de extorquir do hóspede o máximo que pudesse.

Depois do jantar, o jovem perguntou quanto devia. O estalajadeiro não viu motivos que o impedissem de cobrar o dobro do que deveria cobrar, e respondeu que o hóspede lhe devia mais duas moedas de ouro.

— Espera um minuto — disse aquele, depois de procurar no bolso e verificar que não tinha mais tal importância. — Vou buscar dinheiro.

E saiu, levando consigo a toalha de mesa. O hospedeiro achou muito estranho, e tratou de descobrir o que significava aquilo. Solerte, acompanhou o hóspede quando ele se afastou, e, ao vê-lo entrar na estrebaria,





olhou escondido através de uma fenda da parede, e viu o viajante estender a toalha embaixo do asno e gritar:

— Briclebrit!

Imediatamente o animal começou a soltar moedas de ouro, pela boca e pela parte de trás, parecendo até uma chuva de ouro.

— Com um burro deste eu estava feito na vida! — murmurou o voraz e inescrupuloso homem.

E, depois que o hóspede havia pago as despesas e adormecido, foi à estrebaria e trocou o asno de ouro por outro muito parecido.

Na manhã seguinte, o jovem aprendiz partiu levando o asno que pensava ser o seu. Ao meio-dia, chegou à casa do pai, que o recebeu muito bem e perguntou-lhe:

— O que fizeste de ti mesmo, meu filho?

— Um moleiro — respondeu o jovem.

— E o que trouxeste contigo de tuas viagens, meu filho?

— Nada trouxe, meu pai, a não ser um asno.

— Já há asnos demais aqui, meu filho! Eu preferiria ter uma boa cabra.

— Está certo — disse o filho. — Mas não se trata de um asno comum, e sim de um asno de ouro. Basta eu dizer-lhe “Briclebrit” e ele elimina, pela boca e pela parte de trás, uma grande quantidade de ouro.

— Isso é uma grande coisa! — admitiu o alfaiate, entusiasmado. — Pode me livrar do meu estafante trabalho com a agulha e a tesoura.

— Pois assim é — disse o moleiro. — Podes chamar todos os nossos parentes e amigos e enriquecerei todos.

Os parentes e amigos foram convidados. E, logo que foram reunidos, o moleiro pediu-lhes que deixassem um espaço livre, estendeu a toalha no chão e pôs o burro em cima da toalha.

— Atenção agora! — gritou, dirigindo-se depois ao asno, em tom solene: — Briclebrit!

O que caiu do animal, porém, não foram moedas de ouro. Era evidente que dele não sairia outra coisa, pois não é todo asno que atinge tal perfeição em seu comportamento.

O pobre moleiro quase morreu de vergonha, vendo que fora furtado e voltara para casa tão pobre quanto partira. E o velho alfaiate, desolado, teve de continuar manejando a agulha e a tesoura.

O terceiro irmão aprendera o ofício de torneiro, e tanto se aperfeiçoou em tal ofício, que foi dos três o que teve o mais longo aprendizado. Os seus irmãos lhe contaram, em uma carta, como o estalajadeiro lhes furtara os valiosos presentes que haviam recebido, na última noite que passaram viajando antes de regressarem à casa paterna.

Quando terminou a aprendizagem, e teve de partir em viagem, o mestre, em recompensa do seu bom desempenho e de sua honradez, deu-lhe de presente um saco.

— Dentro dele há um porrete — explicou.

— Vou levar o saco, que sem dúvida me será útil — disse o jovem. — Mas para quê serve o porrete?

— Vou dizer-te para o que serve — explicou o mestre. — Se alguém te ameaçar ou importunar, basta dizeres: “Sai do saco, porrete!” e o porrete



sairá distribuindo porretadas por todos os lados. E continuará distribuindo, enquanto não gritares: "Para o saco, porrete!"

O aprendiz agradeceu, pôs o saco nas costas, e, quando alguém se aproximava demais dele, em atitude ameaçadora, ou tentava mesmo agredi-lo, ele gritava: "Sai do saco, porrete!", e ficava livre da ameaça, à custa de muita porretada em quem ameaçava.

E, depois de muitas andanças, o torneiro chegou à hospedaria onde seus irmãos tinham sido lesados pelo estalajadeiro ladrão. Ele pôs o saco em cima da mesa e começou a contar as coisas maravilhosas que vira em suas viagens.



— Pois é isso — disse. — As pessoas podem facilmente encontrar uma mesa que nos serve sozinha, um asno de ouro, e coisas desse tipo, mas nada semelhante ao tesouro que consegui conquistar e que trago sempre comigo, neste saco aqui.

O estalajadeiro apurou os ouvidos, pensando: "O saco deve estar repleto de pedras preciosas". E, quando pensou que o hóspede estivesse dormindo, o estalajadeiro aproximou-se dele, com o máximo cuidado, passo a passo, e pegou o saco, tentando arrastá-lo consigo, sem fazer o menor ruído.

O torneiro, porém, já estava esperando por isso, e gritou:

— Sai do saco, porrete!

Imediatamente o porrete obedeceu, e foram incontáveis e insuportáveis as porretadas que o salafório levou. Ele gritava, pedindo misericórdia, mas quan-



to mais gritava, mais fortes e mais repetidas se tornavam as porretadas, até que ele caiu no chão, exausto e sempre apanhando. E o torneiro disse, então:

— Enquanto não devolveres a mesa que serve e o asno de ouro, não cessarás de apanhar.

— Pelo amor de Deus! — gritou o ladrão. — Devolverei tudo o que quiseres, contanto que este maldito porrete não me atormente mais!

— Permitirei que a misericórdia tome o lugar da justiça, mas trata de nunca mais agires como agiste — disse o torneiro.

E gritou:

— Para o saco, porrete!

Na manhã seguinte, ele partiu, levando a mesa mágica e o asno de ouro, e ao meio-dia chegou à casa do pai, que se regozijou ao vê-lo e, como de costume, perguntou-lhe que ofício aprendera em outras terras.



— Sou torneiro, meu pai — respondeu o moço.

— Uma boa profissão! — admitiu o alfaiate. — E o que trouxeste contigo de tuas viagens?

— Uma coisa muito valiosa, meu pai. Um porrete dentro de um saco.

— O quê? — espantou-se o pai. — Um porrete? Que idéia! Um porrete poderias arranjar com qualquer galho de árvore.

— Mas não semelhante ao meu — contestou o filho. — Quando digo: “Sai do saco, porrete”, ele sai mesmo e dando terríveis porretadas em qualquer pessoa que estiver me ameaçando ou importunando. Vê, meu pai: com ele já recuperei a mesa mágica e o asno de ouro que o salafório do estalajadeiro furtou de meus irmãos. Agora, manda convidar os nossos parentes para virem aqui, que eu os regalarei com iguarias e bebidas e encherei seus bolsos de dinheiro.

O alfaiate, embora desconfiado, mandou fazer o convite. E, quando os parentes chegaram, o torneiro estendeu uma toalha no chão, trouxe o asno, que ficou sobre a toalha, e chamou seu irmão moleiro, dizendo-lhe:

— Fala agora com o asno, meu mano.

— Briclebrit! — gritou o moleiro.

E imediatamente o burro começou a lançar, por todas as aberturas de seu corpo, moedas e mais moedas de ouro, até que cada um dos presentes recolheu tantas moedas quantas pôde carregar.

Em seguida, o torneiro trouxe a mesinha e pediu:

— Agora, caro mano, conversa com a mesa.

E, mal o carpinteiro dissera: “Serve-nos, mesa”, ela se cobriu das mais deliciosas iguarias, que foram devida e prontamente saboreadas por todos os presentes, acompanhadas de fartos goles de vinho que alegrou o coração.

Os parentes se divertiram à farta até altas horas da noite, e o alfaiate deixou de lado para sempre a tesoura, a agulha e o metro, e, junto com os três filhos, viveu de então para diante na opulência.

Mas o que aconteceu com a cabra, que levava o alfaiate a expulsar de casa os próprios filhos? Vou contar. Ela ficou tão envergonhada, que foi se



esconder na toca de uma raposa. Quando a raposa voltou para casa, assustou-se com os olhos brilhantes da cabra no escuro e fugiu. Encontrou-se com um urso, que lhe perguntou por que estava tão apavorada.

— Há um bicho horrível em minha toca! — disse a raposa.

O urso resolveu ajudá-la, mas, quando chegou à toca da raposa, também ficou apavorado com os olhos da cabra e fugiu. Encontrou-se com uma abelha, que lhe disse:

— Amigo urso, tua cara não é de quem está muito feliz da vida. O que aconteceu?

— Estou realmente transtornado — admitiu o urso. — Uma fera terrível, de olhos de fogo, entrou na toca da raposa, ameaçando todo mundo.

— Amigo urso — replicou a abelha — sou uma criatura muito fraca, sei que fazes muito pouco de mim, mas acho que posso ajudar-te.

E, sem mais dizer, voou até a toca da raposa, deu uma ferroada daquelas na cabeça da cabra, que fugiu dando berros de dor, e ninguém sabe se ela ainda está correndo a uma hora destas.

